

A língua é viva: um caso de neologismo na sala de aula de uma escola do campo

The language is alive: a case of neologism in the classroom of a country school

*Bem, meu mano, minha mana e túdus vucês,
como diria Epaminondas, aí estão as sátiras de um
ribeirinho,
uma homenagem ao nosso caboclo e sua fala,
num convite a respeitá-la e preservá-la
Epaminondas Gustavo*

Ecilia Braga de OLIVEIRA*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: A língua é complexa, viva, social e histórica, com o tempo transforma-se. Isso posto, léxico novos surgem e outros desaparecem, cabendo ao professor de língua portuguesa mediar o processo ensino-aprendizagem do sistema linguístico levando em consideração essas características sem ignorar os fatores extralinguísticos também. Nessa perspectiva, essa pesquisa analisa um caso de neologismo identificado em uma escola do campo no estado do Pará. A metodologia usada na investigação é a pesquisa-ação. O objetivo geral - trabalhar a língua por meio da perspectiva sócio-histórica de Bakhtin, explorando o uso de um neologismo identificado no retorno às aulas presenciais no primeiro semestre de 2022. Para isso, pautou-se em estudos de Thiollente (2009), Bakhtin (1997); Foucault (2006); Fairclough (2016) e Câmara Jr. (2009). Conclui-se, assim, que os neologismos surgem em contextos urbanos e rurais de forma bastante dinâmica e inusitada (neste caso, internalizado e disseminado no ápice do isolamento social) às vezes, naturalizar-se à língua, mas que, em alguns casos, desaparecem e/ou passam despercebidos ao olhar do professor de Letras, caso ele não esteja em constante formação. Espera-se com isso que outros professores/pesquisadores se atentem para o fenômeno linguístico usado, explorando-os de forma sistemática, principalmente, os dos contextos regionais.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará (Ufpa); especialista em Estudos Linguísticos e Literários (Uepa) e Atendimento educacional especializado (Faveni). É membro do Grupo de pesquisa “Alfabetização, letramento e práticas docentes na Amazônia” (Galpda/Ufpa). Tem publicação sobre o ensino da Língua Portuguesa, Educação do Campo e Livro Didático. Atua há 12 anos na Educação Básica, com experiência em Educação do Campo (Semed/Acará). E-mail: professoraecilia@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Neologismo. Lexia. Contexto. Língua.

ABSTRACT: The language is complex, living, social and historical, with time it transforms. This said, new lexicon stems and others disappear, and it is up to the Portuguese-speaking teacher to mediate the teaching-learning process of the linguistic system taking into account these characteristics without ignoring the extralinguistic factors as well. The language is complex, living, social and historical, with time it transforms. This said, new lexicon stems and others disappear, and it is up to the Portuguese-speaking teacher to mediate the teaching-learning process of the linguistic system taking into account these characteristics without ignoring the extralinguistic factors as well. The methodology used in the investigation is action research. The general objective - to work the language through Bakhtin's socio-historical perspective, exploring the use of a neologism identified in the return to face-to-face classes in the first half of 2022. Para isso, pautou-se em estudos de Thiollente (2009), Bakhtin (1997); Foucault (2006); Fairclough (2016) e Câmara Jr. (2009). It is concluded, thus, that neologisms arise in urban and rural contexts in a very dynamic and unusual way (in this case, internalized and disseminated at the apex of social isolation) sometimes, naturalizing to the language, but that, in some cases, disappear and/or go unnoticed in the eyes of the professor of Letters, if he is not in constant formation. With this, it is expected that other teachers/researchers pay attention to the linguistic phenomenon used, exploring them systematically, mainly those of regional contexts.

KEYWORDS: Neologism. Lexia. Context. Tongue.

Introdução

O homem é um ser verbal, é por meio da palavra que ele se comunica; transmite pensamentos, sentimentos; difundem ideologias. Ele não apenas usa a linguagem e se relaciona por meio dela, como reflete sobre as formas de usá-la. A palavra vai além de um signo representativo, tem carga semântica e um valor ideológico. Por isso, não podemos considerar os usuários da língua como ingênuos, que a usam de forma intuitiva, pois a capacidade humana possibilita-os selecionar as palavras de acordo com a intencionalidade e finalidade, a criar palavras novas e deixar no limbo outras. O homem é o possuidor da palavra, no tempo e no espaço.

Em vista disso, o processo criativo é inerente ao homem, se buscarmos textos do século XX perceberemos que algumas palavras já não são tão usuais no século XXI e

palavras que hoje usamos não existiam em outros momentos da história. Dito isso, o homem é um ser histórico e social como afirma Bakhtin (1997).

Compreende-se, portanto, que a língua muda a todo momento. O neologismo é um fenômeno enriquecedor do léxico de uma língua, possibilitando diversidade aos usos situacionais. Assim sendo, o trabalho em questão utilizou o método da pesquisa-ação, que é compreendido como o adequado à pesquisa que está intimamente relacionada com o tipo de ação proposta e os atores considerados. A investigação está valorativamente inserida numa política de transformação” (THIOLLENT, 2009, p. 47). Em outros termos, esse tipo de método tem como finalidade transformar o fenômeno identificado em uma ação inovadora.

Além de Thiollente (2009), a revisão da literatura pauta-se em autores como Bakhtin (1997); Foucault (2006); Fairclough (2016), que compreendem a língua como uma prática sócio-histórica, inerente aos sujeitos, usada em campos da atividade humana de forma não estática e não estanque. Câmara Jr. (2009), que se dedicou ao estudo da língua vernácula e do estudo do léxico, elaborando o “Dicionário de linguística e gramática”, publicado pela primeira vez em 1956, estando em 2009 na sua 27ª edição. Rojo (2015), que compreende o ensino do léxico, na perspectiva dos gêneros do discurso, a partir de textos multimodais e semióticos.

Dada a importância do tema, este trabalho se propõe a responder à pergunta: como trabalhar o neologismo na sala de aula a partir do contexto sociocultural do aluno? Para isso, traçou-se os seguintes objetivos: geral – trabalhar a língua por meio da perspectiva sócio-histórica de Bakhtin, explorando o uso de um neologismo identificado no retorno às aulas presenciais em uma escola do campo no interior do Pará no primeiro semestre de 2022. Específicos: entender como surgem os neologismos na língua; abordar as classificações neológicas; apontar atividades sistematizadas para trabalhar o neologismo no contexto comunitário e escolar.

O artigo está organizado nas seguintes partes: introdução: que traz um apanhado das partes, objetivo, metodologia, aporte teórico e referências usados; desenvolvimento: o neologismo como materialização da relação língua e cultura; como surgem os neologismos; contexto de surgimento; percurso metodológico, por fim, as considerações finais.

2 O neologismo como materialização da relação língua e cultura

O campo dos estudos lexicais ou da lexicologia é compreendido por Correia e Almeida (2012, p. 11) na língua como o “conjunto de todas as palavras que dela fazem parte”. Dito isso, podemos entender que tal estudo se ocupa dos vocabulários de uma língua. Seguindo essa compreensão, Alves (2002, p. 5) ressalta que “enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes”. Pode-se compreender, portanto, que todos os dias, matam-se algumas palavras, ressuscitam-se algumas com novos sentidos e ainda se criam tantas outras.

Nesse sentido, o fenômeno linguístico conhecido como neologismo traz na materialidade vocabular o prefixo “neo” com carga semântica de inovação e originalidade. Segundo Correia e Almeida (2012), essa sofisticação linguística, o caráter inovador, é inerente às línguas, uma “capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas...” (ALMEIDA; CORREIA, 2012, p. 17)

A capacidade inesgotável de inovação da língua é uma necessidade do falante que, além de criar palavras novas, intuitivamente, busca atender a demanda do tempo e do contexto situacional que as palavras formalizadas já não suprem mais. Assim surgem os estudos neológicos como o que analisa, observa, registra e descreve os neologismos surgidos.

Alguns estudiosos costumam segregar os estudos neológicos no campo morfológico. Entretanto, a morfologia enquanto segmentação, isolada do contexto sócio-histórico não é tão produtiva, visto que a palavra nova ressignificada é proferida no ato enunciativo, sua carga semântica agrega valores, inclusive, a compreensão desse léxico só é possível se for concebido o seu lugar de circulação.

Nesse viés, a consciência morfológica do falante envolve internalização de uso aprendido em um dado contexto social, reflexão e uso, mediante a intencionalidade e adequação. Para compreender melhor essa consciência, são necessários os estudos da morfologia, que faz parte dos estudos linguísticos.

Segundo Sandmann, (1992), os estudos morfológicos se ocupam do significado da palavra, a categorização dos morfemas, a estrutura e formação de palavras. Do ponto de vista da morfologia, associada aos estudos linguísticos mais modernos Bakhtin (1997); Foucault (2006); Fairclough (2016), que compreende a língua e seus eventos enunciativos como social e histórica. O signo linguístico traz consigo uma carga ideológica, é uma relação entre o texto e contexto; entre o social e o linguístico e não é escolhida pelo falante de forma aleatória.

Dessarte, a língua não só é viva, é social e histórica. O signo e o valor semântico estão na palavra, nas menores unidades já se percebe esse sentido. À luz dos estudos de Câmara Jr. (2009), o morfema é a menor parte de uma língua que gera sentido. Nessa menor parte traz um significante e um significado, importando, portanto, ao usuário da língua, conhecê-lo junto a regras de combinação dessas unidades para formar as palavras, frases e texto.

Usar uma palavra dentro de uma língua, implica conhecer a estrutura dessa língua. Construir palavras novas requer saber quais os processos de formação de palavras contemplam a nova formação. Esses novos usos para Carvalho (1987, p. 09) “além de testemunhar a criatividade e a imaginação fértil de seus falantes, os neologismos têm profunda ligação com as modificações do mundo exterior e as mais diversas áreas de conhecimento”.

Por conseguinte, os neologismos são identificados em diferentes áreas do conhecimento. Todavia, há uma de maior predomínio na pós-modernidade, a tecnológica. É o que Rojo (2015) considera como alta modernidade, contextos para uso dos novos letramentos. Para a autora, as esferas de uso da língua não são “estática e nem estanque”. Não são estáticas porque se transformam com a mudança históricas, sociais e culturais. E não são estanques, pois estão estreitamente relacionados, influenciam-se e muitas vezes funcionam de maneira imbricada e híbrida”. (ROJO, 2015, p. 67)

A esse entendimento, textos multimodais¹ requerem uma linguagem apropriada. Isso pode evidenciar a relação homem-língua. A capacidade de criatividade mostra a versatilidade dos usuários, a adaptação ao contexto situacional, a representação do mundo exterior e a internalização desse mundo pelos falantes.

¹ Textos que utilizam mais de uma modalidade de forma linguística. São permeados pela linguagem verbal e não verbal (visual). Exemplo: infográficos, anúncios, cartuns, propagandas, tirinhas e charges.

3 Como surgem os neologismos?

De acordo Oliveira Silva; Castorino; Xavier (2021, p.5), com base nos estudos de Correia e Almeida (2012) o neologismo não ocorre aleatoriamente. Geralmente, essas incorporações acontecem de três maneiras: 1) a construção de lexias, recorrendo a regras próprias da língua; 2) a atribuição de novos significados a unidades léxicas existentes e 3) a importação de unidades lexicais disponíveis em outros idiomas.

Convém dizer que no processo de formação de palavras obedecem às convenções existentes, inclusive de escrita, as novas palavras, necessariamente, agregaram uma nova significação e em alguns casos haverá a absorção de palavras de outros idiomas. As lexias acontecem de acordo com o processo de formação de palavras: derivação, aglutinação, justaposição e estrangeirismos.

A derivação, segundo Câmara Jr. (2009, p.112), é a estrutura de um vocábulo por meio de outra. A aglutinação, processo de formação com “perda de delimitação vocabular entre duas formas que se reúnem por composição” (p. 51). Justaposição, percebida como a “reunião de duas formas linguísticas em um vocabulário mórfico” (p. 187). Estrangeirismo, “empréstimos vocabulares não integrados à não integrados na língua nacional” (p.136). Para uma melhor visualização dos conceitos, veja quadro (1).

Quadro 1: processo de formação de palavras

| processo | Tipo | Como acontece | Exemplo |
|----------|----------------------|--|--|
| | por prefixo | É acrescentado um prefixo ou mais à palavra primitiva | <i>Antivacina</i> |
| | por sufixo | É acrescentado um sufixo ou mais à palavra primitiva | <i>Googlar</i> (pesquisar no google; sextou) |
| | por prefixo e sufixo | É acrescentado um prefixo e um sufixo à palavra primitiva de forma independente, com ou sem essas partes | <i>Antivacinação</i> ; |

| | | | |
|--------------------|--------------------------|--|---|
| Derivação | | a palavra originária continua com significado | |
| | parassintética | Um prefixo e um sufixo são acrescentados à palavra primitiva de forma dependente. Os dois afixos não podem se separar, pois sem um deles a palavra não se reveste de nenhum significado. | Não foram encontrados exemplos |
| | derivação regressiva | O morfema da palavra primitiva desapareceu. | <i>Paraíba</i> , termo usado para designar nordestino de forma pejorativa. Perda de parte sufixa do “ano”, apenas do “no”. |
| | derivação imprópria, | Ocorre uma mudança de classe ou conversão ocorre quando a palavra, pertencente a uma classe, é usada como parte de outra. | <i>Noronhe-se</i> , Ir à Fernando de Noronha. A palavra Noronha, transformou-se em verbo acrescido do pronome reflexivo “se” ² |
| Aglutinação | Forma única sem subtipos | Os elementos ou palavras unem-se para compor outro léxico, com alteração sonora ou fonográfica. | <i>CoronaVac</i> , uma das vacinas contra o novo coronavírus. Junção das palavras coronavírus e vacina, com alteração |

2

Termo usado pelo cantor Pablo Vittar. Matéria assinada por Thais Fonseca, 13/07/2022, “Pablo Vittar curte descanso em Noronha e esbanja sensualidade em fotos ousadas: ‘Noronhe-se’”, site Bolavip.

| | | |
|-----------------------|--------------------------|---|
| | | sonora e fonográfica em ambas. |
| Justaposição | Forma única sem subtipos | os elementos ou palavras que formam os compostos estão justapostos, sem que haja alterações sonoras e/ou ortográficas. |
| | | <i>Coronavírus</i> , junção das palavras coroa e vírus. <i>websérie</i> , formado pela junção do anglicismo web ao vernáculo série. A palavra significa uma série (espécie de filmes exibidos em episódios) |
| estrangeirismo | tipo única sem subtipos | empréstimo de uma palavra ou expressão de uma outra língua sem haver alterações na grafia e na pronúncia, ou com aportuguesamento |
| | | <i>Empoderamento</i> é, na verdade, uma forma aportuguesada da palavra inglesa empowerment., Sítio (site) |

Fonte: autora 2022 com base nos estudos de Câmara Jr. (2009)

Outra classificação usada é com base na área de estudo, não mais nas características da forma, vejamos o quadro (2).

Quadro 2: Classificação de acordo com o campo de estudos neológicos

| Tipos | Conceito | Exemplo |
|------------------|---|--|
| Semântico | Dá-se um novo significado a palavras formalizadas | <i>Laranjal</i> (termo usado para designar uso de laranjas para desviar dinheiro público; O laranja é a pessoa que empresta seu nome para receber valor, bens em lugar de outra pessoa para ocultar bens de origem incerta, jargão usado pela polícia ou justiça |
| | | <i>Tuitar</i> (verbo transitivo direto, realizar uma publicação no Twitter); <i>talarico</i> (a) (pessoa que cobiça, xaveca a mulher |

| | | |
|------------------------------|---|---|
| Lexical | palavra nova criada | do próximo. referência a música cantada por Zeca Pagodinho chamada "Talarico, ladrão de mulher". |
| Sintático: | Normalmente são palavras criadas por composição ou derivação | “cloroquiners” e “quarenteners” ³ termo usado Guerra na pandemia, reforçando a polarização. Sinônimo de coxinha x mortadela, bolsominho x petralha. |
| Literário | novas palavras criadas por escritores ou compositores | <i>Teadorar</i> , termo usado no poema “neologismo” de Manuel Bandeira. Junção de duas palavras, o pronome te e o verbo adorar, ligação semântica com o nome Teodora. |
| Científico ou técnico | Usado em invenções, equipamentos ou descobertas, procedimentos, aparelhos e máquinas, profissões, expressões que atendam novas necessidades comunicacionais | <i>Digital influencer</i> , usado nas mídias sociais, indivíduo seguido por um público que acompanha atentamente o que é publicado e reverbera suas palavras para outros. |
| Popular | Quando o neologismo é criado pelo povo ou por uma cultura diferente | <i>Gua</i> , termo usado pelos estudantes do Baixo-Acará, uma variante da <i>égua</i> paraense, usado de forma cômica e humorística |

Fonte: autora 2022 com base nos estudos de Murça. (2020)

Como se observa, os neologismos podem ser classificados de várias formas, nascem e morrem todos os dias. No caso do “gua”, um neologismo popular, nascido na boca do povo, mesmo que esteja atrelado a um contexto específico, neste caso, um município do estado do Pará, deve ser trabalhado em sala, afinal os a educação, na perspectiva das práticas sociais, é sensível aos espaços e comunidades escolares, buscando analisar, entender e identificar como as pessoas constroem seu aprendizado,

Segundo Almeida e Correia (2012) alguns neologismos se incorporam ao léxico ativo dos falantes, a título de exemplos “sofrência”, “sextou” e “sabadou”; outros, não chegam

3

O jornal digital Folha de São Paulo trouxe uma matéria em 15/04/2020 assinada por Joelmir Tavares com a seguinte chamada: “Guerra entre 'cloroquiners' e 'quarenteners' reinventa polarização na pandemia”..

a esse são efêmeros surgem das necessidades comunicativas eventuais e/ ou específicas de um contexto sociocultural. Entretanto não dá para prever se fenômeno linguístico será agregado lexicalmente a língua, dicionarizado ou não, como todo fenômeno a outros fatores considerados, um momento histórico, o uso por um momento de repercussão nacional, o uso contínuo...

Nessa linha de pensamento, Barbosa (2001, p. 39) pontua que é corriqueiro um neologismo permanecer circunscrito a uma região e/ou classe social. Isso ocorre porque a lexia não se propaga para a língua geral com facilidade, restringindo-se à oralidade não integrando o léxico ativo dos falantes.

Sandmann (1998) aborda que a convalidação de uma lexia ocorre quando há registro nos dicionários gerais de língua. À luz desse estudo, o neologismo tornar-se-á duradouro na condição de dicionarizado. Esse é um aspecto inerente a qualquer língua, inclusive integra as características entre línguas oral e escrita. A primeira é efêmera, mais espontânea e informal, passageira, estando em permanente renovação, não sendo necessário registros. A segunda, é mais formal, durável no tempo, o que possibilita ser lida inúmeras vezes. Assim como a língua, as lexias acompanham essa lógica.

Nesse sentido, tanto a oralidade como a escrita são importantes para o léxico. Elas são criadas na oralidade, dado o seu dinamismo e movimento, mas é na escrita que homologada, permitindo ser perenizada e usada em contextos maiores. O dicionário surge como organizador rigoroso, ordenador e formalizador da palavra. O guardador da cultura linguística viva, catalogando bens do passado e falares modernos. Biderman (2001, p. 212) conceitua o dicionário como:

depositário físico do tesouro léxico abstrato da língua atua como arquivo fixador das lexias orais que poderiam morrer facilmente, se não fosse esse arquivo que as recolhe e preserva, às vezes, por séculos. O processo de dicionarização de um neologismo reflete a continuidade do seu uso no vocabulário geral. Ou seja: o vocábulo novo só é dicionarizado quando ele já foi aceito por toda a comunidade que fala aquela língua. (BIDERMAN, 2001, p. 212)

Ante o exposto, compreende-se que as línguas de um modo geral fornecem a seus usuários mecanismos e “liberdade” para produzir novas unidades lexicais, podendo ou não tornarem-se dicionarizadas. Assim, o acervo lexical do falante vai alterando-se, ampliando e arquivando outras tantas com seu desuso. Portanto, a língua é viva e pode

ser constatada por novas lexis e expressões que se formam para atender as demandas sociais e culturais que surgem.

4 Contexto de surgimento

Depois do pico da pandemia da *covid 19*, no retorno às aulas em 10 de março de 2022, abriu-se novamente a escola para as aulas presenciais. Foram dois anos com aulas híbridas. Poucos alunos participavam das aulas remotas por se tratar de uma escola do campo em que um grupo significativo não tinha acesso à internet; os que tinham não se sentiam seguros para usá-la e os que tentavam não obtinham sucesso pelas inúmeras interrupções, baixa qualidade da rede.

Nesse período, percebemos que além de um comportamento indisciplinado por parte dos alunos (outro fenômeno relatado pelos estudiosos da área), os alunos estavam mais falantes e com um vocabulário novo ao se expressarem. A partir desse momento, especificamente, nessa seção, o verbo usado será em primeira pessoa do singular, abandonando temporariamente o “nós”, por entender que na seção “contexto de surgimento” é necessário um relato da minha experiência como professora e da percepção do fenômeno enquanto pesquisadora. Nas demais seções, o artigo retornará à flexão verbal que, por convenção científica, é melhor aceita.

Confesso que de início ouvi o neologismo *acaraense*, mas não compreendi, imaginava ser uma palavra usada por um grupo muito restrito da escola, talvez o uso por uma comunidade específica. Não me ative ao significado. Mas como toda palavra tem força, fui percebendo que era unânime entre os discentes. A ponto de parar para ouvi-la.

Primeiro o que me chamou a atenção é que ela era sempre pronunciada em contextos de surpresa e espanto. Todas às vezes que eu e outros colegas do magistério falávamos alguma coisa que os alunos consideravam esdruxula ou engraçada, ele pronunciava “gua” que pode ser entoada com quantos “a” se achar necessário (guaaa, guaaaa, guaaaaa – quase que cantada). Perguntei-lhes o significado, explicaram-me que tal palavra começou a ser usada em momentos de descontração como se usa o “égua” na capital paraense (Belém).

O “égua” é um léxico muito usado no vocabulário paraense, não é um neologismo porque não é uma inovação, faz parte da comunicação paraense há muito tempo,

inclusive, encontra-se no dicionário popular regional⁴, pode significar nossa, poxa, caramba. É considerado a vírgula do paraense. Também “égua”: expressão de espanto, “vírgula do paraense” dita em várias frases.

A inovação ocorreu com a exclusão do “e” da palavra égua, ganhando-se a grafia *gua*, mas a pronúncia com ênfase no ecoar da vogal “a” (aaaaaa). Ganhando-se um novo significado, inclusive com carga semântica humorística. Enquanto o *égua* é usado com espanto mesmo, inclusive em momentos em que o falante reprova a fala, pedido e solicitação. A título de exemplo, um contexto em que a mãe pede ao filho para lavar a louça no momento em que ele está na internet:

Mãe: Filho, lave a louça!

Filho: Égua!

Em outro momento pode ser usado como uma admiração positiva. Imaginemos um contexto em que se utilize a farinha d'água no açaí. E a farinha é grossa e graúda como se gosta no Pará. O falante falará:

Égua da farinha!

Diferente da “égua”, o “gua” não se encaixa nos dois citados contextos, é usado em momentos mais descontraídos, traz uma carga semântica do riso, do engraçado. Não diríamos “gua da farinha”. Não obedecem às novas dos falares acaraense/paraense, falo dessa forma porque o Pará é o segundo maior estado do Brasil, tendo mesorregiões e microrregiões com formação migratória diversa, o que o torna plural, inclusive na sua composição linguística.

Rendeiro (2018) diz que a grafia das palavras que representam o caboclo paraense é fiel a fala ribeirinha e por conta disso, para quem não tem intimidade com essa cultura precisará se valer do dicionário “epaminondês”⁵ que acompanha a obra de “Sátiras de um ribeirinho”, de autoria de Cláudio Rendeiro, conhecido pela alcunha Epaminondas Gustavo.

O “gua” surge em situações em que o humor predomina. Não se fala o “gua” com a cara fechada, inclusive o eco do “a” é o prolongamento da comicidade, quanto mais

⁴ A “égua” funciona como o *uai* dos mineiros ou o *oxe dos baianos*. *Encontra-se registrada no dicionário de gírias popular paraense*. Disponível: [Conheça as 32 principais gírias paraenses e seus significados! - Dicionário Popular \(dicionariopopular.com\)](http://dicionariopopular.com). Acesso em 25 jul. 2022

⁵ Dicionário usado pelo personagem Epaminondas, encontra-se no apêndice da obra “Sátiras de um ribeirinho”, 2018.

cômico, mais “a”. Imaginemos um contexto em que os alunos estão em aula e as luzes apagam-se.

Professor: Vocês estão dispensados por falta de energia

Alugos: Guaaaaaaa

O “gua” surge de uma forma cômica, uma ironia, como se os alunos falassem “eu nem queria bater papo no pátio da escola e entorno.

Entretanto, o Humor não anula a importância do discurso. quem pensa o contrário, engana-se. Nietzsche (2001, p. 217) afirma que a “graciosa besta humana perde o bom humor, ao que parece, toda vez que pensa bem; ela fica ‘séria!’”. Não é o humor que anula a circunspeção da temática, mas o preconceito linguístico, por entender que a validação da linguagem vem de ambientes urbanos e eurocêntricos.

Assim como Nietzsche (2001), Rendeiro (2018) conceituar o vocábulo ribeirinho “aquele” usa vários outros neologismos para construir o sentido, é a metalinguagem descrevendo outra linguagem.

[..] o aquele serve como transrebuscamento para tudo, eu não sei explicar que não su professô. Por exemplo: vucê chama uma pessoa e esqueceu o nome. Vucê usa o aquele...” Ei, aquele, vem cá”. Se for para chamar um zinho: “Ei, aquelezinho, vem cá!”. Se quer dizer que a pessoa não tem uma influência para nada: “É uma pessoa que não tem um aquele!” então serve para substituir nomes e pronomes, verbos e ‘sobreverbos’, adjetivos e ‘sobreadjetivos’, em gerá. Tudo vucê tranboca no aquele, entendeu? (RENDEIRO, 2018, p. 35

Como se observa, no discurso acima, a palavra “aquele” tem vários significados. A partir dela, o personagem criou neologismos como “transrebuscamento” (vocábulo cujo significado vai além das palavras rebuscadas que conhecemos. “Sobreverbos (palavras não caracterizadas como verbo)”, “sobreadjetivos” (expressões que não se encaixam na categoria adjetivo), “tranboca” (conjugação do verbo “transbocar”, criado do substantivo transrebuscamento).

Na prática, o que o personagem nos mostra é que independente do grau de escolaridade, qualquer usuário da língua é capaz de, criativamente, produzir palavras novas, basta que use, deliberadamente, discursos em situações que o movia a querer dizer algo diferente do que vem sendo dito normativamente. A intencionalidade faz com que o falante selecione a sua gramática interna, quando não acha o que o convém, cria. Uma vez criada, compartilha com outros falantes que reproduzem exaustivamente ou não.

Voltando ao neologismo “gua”, a escola onde os alunos inovam linguisticamente é a EMEF Boa Vista I, localizada no Baixo-Acará, município do Acará. Uma escola atravessada mais pelas relações com Belém, pela proximidade, cerca de 15 minutos de lancha, que com a sede do próprio município circunscrita, quase 2h de viagem de carro.

Essa é a primeira vez em onze anos de magistério, oito deles em escola do campo, percebo um neologismo quase que simultaneamente a sua criação, pois em março de 2020 quando foi decretada a pandemia pela organização mundial da saúde (OMS) e o isolamento social os alunos não usavam essa lexia, ou se a usavam, era de forma tão tímida que os professores não percebiam (isso foi constatado pelos profissionais do magistério que trabalham e continuam trabalhando na escola). Talvez o tenha identificado porque em 2021, conclui um mestrado profissional em Letras, tendo ficado mais sensível à língua e a seus fenômenos, olhares que a academia nos proporciona.

Para o professor Marco Antônio Camelo (2019), expressões como essa é chamada “idiomática”, recursos da fala e da escrita, que ganham novos sentidos conotativos, ultrapassando seus significados literais quando aplicados em contextos específicos. O autor entende que essa nova forma de uso representa a identidade de um povo, são,

fruto da função do exercício da linguagem. Muitas vezes, o que vai determinar a funcionalidade do significado da expressão é a imprecisão, ou seja, a tonalidade utilizada. Por exemplo, uma coisa é dizer 'Hum, tá cheirosa essa comida!', que elogia a fragrância. Outra, é dizer, diante de alguma pavulagem (exibição), 'Tá, cheirosa!', que representa que a pessoa não concorda com o exibicionismo (CAMELO, 2019, n.p.).

Assim como Camelo (2019), Ferreira (2005) disserta sobre tal fenômeno em estudo de expressões aprendidas ou desenvolvidas em tribos e populações tradicionais. Esse empréstimo de palavras é feito de forma natural, assistemática e informal, desde doravante contato direto e ocasional entre essas coletividades. O contato direto, frequente entre as populações (no caso específico, Belém e Baixo-Acará), uma comunidade imprime marcas linguísticas na outra, determinando a funcionalidade da expressão “égua” e a apropriação dela por outras comunidades, alterando para o “gua” e acrescentando a ela um novo sentido.

Outro ponto a ser refletido: porque só agora esse fenômeno aconteceu?

Uma hipótese provável é que embora Belém tenha essas relações com o Baixo-Acará, mais especificamente, a comunidade Boa Vista I, onde as demais comunidades se encontram com mais frequência (torneio, eventos da escola, cultos religiosos, associação, balneários, porto), foi a partir de 2018 que as lanchas (transporte fluvial mais veloz que os barcos) tornaram-se operantes⁶, até então o fluxo era menor entre os dois municípios, nesta região. No período, a população cresceu nessa área rural, inclusive, com aumento de restaurante às margens do rio.

Ainda assim fica o questionamento: o que a pandemia tem a ver com a inovação linguística? Não se tem ao certo uma resposta, mas nesse período da pandemia se popularizou um comediante paraense, inclusive, tornando-se um influenciador digital, atuando com personagem Epaminondas Gustavo⁷ o qual atuava incansavelmente nos programas de rádio, tvs locais e internet, com disseminação de áudio via *WhatsApp*, divulgando a forma cabocla de falar e as variedades regionais que circulam em Belém e no interior, empoderando a liberdade linguística e construindo identidades fortalecidas das populações tradicionais que moram em locais de difícil acesso.

Conclui-se a partir do que vem sendo explanado, que os neologismos surgem em contextos urbanos e rurais. Ao naturalizar-se à língua, seu aspecto inovador passa quase que despercebido. Como todo fenômeno precisa ser estudado, mas para isso é necessário ouvidos apurados, um olhar de pesquisador e vontade de entender a língua por meio de um contexto sociocultural. Não somos apenas usuários, somos produtores de uma língua que está em constante transformação.

5 Procedimentos metodológicos

Adotamos, para a realização das atividades, a pesquisa-ação, porque favorece os pesquisadores a “utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos” (TRIPP, 2005, p. 445). Nesse sentido, é necessário que o mediador seja um pesquisador.

⁶ Em 2018 houve um aumento de aquisição de lanchas entre os moradores da comunidade como transporte de passageiros e escoamento dos produtos locais, mais especificamente o açai.

⁷ Cláudio Rendeiro era juiz, escritor, intérprete do personagem humorístico Epaminondas Gustavo, criado por ele mesmo. O humorista faleceu em 18 de janeiro de 2021 de *Covid 19*, comovendo a população paraense, viralizando ainda mais seus textos e discursos.

Para se trabalhar o neologismo, expressão “gua”, realizamos uma sequência de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, como os conteúdos formação de palavras, neologismo, sinais de pontuação e sinônimo. De uma forma que eles sejam produtores de uma língua com regras. Para cada contexto há uma variante que se adequa ou não aquela situação.

Um ponto importante foi levá-los a compreender que um bom usuário da língua é aquele que conhece as várias modalidades dela, oral e escrita, usando-as de forma proficiente. A língua é viva, são os sujeitos que a tornam assim. A vivacidade está na boca do falante como Oswald de Andrade mostra no poema “Pronominais”⁸

Ressalta-se que com o retorno das aulas em março de 2022 com tantas demandas de dois anos acumuladas, estas foram as atividades possíveis de serem executadas, mas com mais tempo, posse explorar o assunto de forma mais ampla. Entretanto, as que foram realizadas, para cada uma delas iniciou-se algumas discussões em salas com atividades prévias. Vejamos os procedimentos seguidos em uma turma de 8º ano:

✓ Aula Processo de formação de palavras (3 aulas de 40 minutos cada)

Objetivo: Analisar processos de formação de palavras por derivação, composição (aglutinação e justaposição), classificação.

Atividade prévia: foi uma dinâmica em que se sorteou uma palavra originária (não derivada), sendo que os alunos, na ordem de frequência, foram convidados a ativaram suas memórias para soltar uma derivada daquela palavra. O discente seguinte, não podia repetir palavras que já tinham sido faladas. Para aqueles que não mais conseguiam lembrar, podiam inventar uma nova, falando o possível conceito para essas palavras. A dinâmica levou os alunos a refletirem que palavras surgem de outras já existentes. Criadas de acordo com a necessidade e reconhecidas por uma comunidade linguística.

Nas duas aulas seguintes, entrou-se no assunto formação de palavras, detalhando o processo de formação, os subtipos, como acontecem e exemplos, como visto no quadro (1). Ao final, foi solicitado que os alunos voltassem as anotações das atividades prévias para classificar as palavras encontradas por eles, montando um quadro similar ao mostrado.

⁸ O poema "Pronominais", de Oswald de Andrade, mostra a variedade linguística atrelada às diferenças regionais, culturais ou sociais.

✓ Aula Neologismo (2 aulas de 40 minutos cada)

Objetivo: Entender o neologismo e o processo de formação de palavras por meio de contextos situacionais e as práticas sociais.

Atividade prévia: uma reflexão na imagem (1) da charge cujo título é “Pratique o deboísmo”.

Imagem 1: Pratique o deboísmo



Fonte: PETRIN (2022), Todo Estudo. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/portugues/neologismo>.

Ao ser mostrado a charge, foi perguntado aos alunos sobre o que eles viam na imagem? O significado da palavra “deboísmo”. Se eles usam essa palavra no seu dia a dia ou se já a viram alguém usando? Que relação há entre os vocábulos “paz” e “estresse”? Percebeu-se que após o diálogo inicial, alguns alunos, poucos, manifestaram-se dizendo que já leram a palavra em redes sociais, mas que não a usam, embora, tendo facilmente por meio do texto (charge) inferido o seu sentido.

Na sequência, entramos no conceito e classificação de neologismo, segundo Murça (2020), tendo sido trabalhado o quadro (2). O quadro trabalha de uma forma bem clara os tipos de neologismo, conceito de cada tipologia e exemplo. Assim, foi pontuado uma a uma das classificações (semântico, lexical, sintático, literário, científico e popular) no quadro adaptado.

Ao final dessa atividade, foi solicitado que eles pesquisassem neologismos recentes para cada classificação. Atividades de pesquisa, segundo Freire (2002, p. 14),

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 2002, p. 14).

Nessa concepção freiriana, o papel do mediador não é de transmitir conteúdos, mas de levar os alunos a refletir sobre cada aprendizado. A escola é, portanto, um espaço em que possibilidades são criadas, mostrando que o ensino formal dialoga com a vida prática e vice versa. Esse olhar crítico possibilita os alunos a conceber o aprendizado necessário a autonomia e formação deles.

✓ Sinais de pontuação (2 aulas de 40 minutos cada)

Objetivo: Explicar os efeitos de sentido do uso, em textos, de sinais de pontuação,

Atividade prévia: Trabalhar a escuta da canção Melim, Rael – Relax (Melim, Rael - Relax - YouTube).

Na atividade foi perguntado aos alunos o tema da canção. O que eles entendem por *rilex*? Em que momentos eles costumam ficar *rilex*? Que outra palavra da língua portuguesa eles usariam no título da música? Foi explicado que o deleite, os momentos de descontração são essenciais à vida humana, assim como cumprir o cumprimento das responsabilidades.

Seguindo o itinerário da aula, foi levado o texto do quadro (3)

Quadro 3: Texto para trabalhar neologismo

Conheça o ‘deboísmo’, a nova filosofia ‘de boas’ da internet



Página no Facebook reproduz imagens e mensagens
sobre a “filosofia” Foto: REPRODUÇÃO

— Petralhas e tucanalhas, coxinhas e esquerdistas caviar, suportai-vos. É isso o que prega o “deboísmo”, a nova “filosofia”, ou “religião”, que se espalha pelas redes sociais no país. O dogma é simples, e faz bastante sentido, não importa a opinião do outro: respeite e fique “de boas”.

— “Deboísta” é quem é adepto da filosofia do “ser de boa” — explica Carlos Abelardo, 19 anos, estudante de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Goiás e criador, ao lado da namorada, Laryssa de Freitas, da página no Facebook “Deboísmo”. — É aquela pessoa que não se deixa levar por problemas bestas, que mesmo discordando de alguém não parte para a agressão. É a pessoa calma, que escolhe o lutar em vez de brigar.



Foto: REPRODUÇÃO

Preguiça, o animal símbolo do “deboísmo”

O termo, ou “filosofia”, se espalhou pela internet. A página “Deboísmo” foi criada no dia 27 de junho e já conta com mais de 340 mil curtidas. Até o [Ministério do Trabalho entrou na brincadeira](#) e, na quarta-feira, divulgou em suas redes sociais um meme sobre o assunto. E a repercussão fez com que a “filosofia” ganhasse ares de “religião”, com o surgimento da “Igreja dos de Boas”.

— A discussão ultrapassou as redes sociais e afetou a relação com a minha família — disse o jovem de 23 anos, criador da “Igreja dos de Boas”, que preferiu não se identificar. — Eles são extremamente religiosos e de direita, e eu sou um crítico ferrenho do mercado religioso e apoio publicamente a luta pelos direitos LGBT, pelos direitos das minorias e me identifico com a esquerda. A ideia para a “Igreja

dos de Boas” surgiu de uma necessidade pessoal de encontrar pessoas que levam a vida de uma forma mais leve em meio ao turbilhão político, social e religioso que o Brasil enfrenta.

Apesar do sucesso, o “deboísmo” também sofre críticas de pessoas que consideram a brincadeira uma forma de desviar o foco das disputas políticas e sociais que tomaram conta da internet. Para Abelardo, não é essa a intenção.

— De forma alguma ser “de boa” é deixar injustiças acontecerem — disse Abelardo. — Mas é ser sábio para abdicar de uma discussão quando o outro está muito esquentado. O “deboísta” sabe que não vai ganhar nada discutindo com alguém que está xingando e o desrespeitando.

E a “filosofia”, ou “religião”, tem até uma lista com dez ensinamentos, em referência aos dez mandamentos. Os itens destacam o respeito com o próximo, mesmo que tenha opiniões discordantes, mas destaca que o “deboísta” não deve se autocensurar, nem “ignorar o mal”, mas “sempre respeite o direito dos outros de discordarem de você”.

— É o animal mais de boa — diz.

[...]

MATSUURA, Sérgio, Conheça o ‘deboísmo’, a nova filosofia ‘de boas’ da internet (texto adaptado), Newsletters, 03/09/2015, Disponível em: [Conheça o ‘deboísmo’, a nova filosofia ‘de boas’ da internet - Jornal O Globo](#).

Acesso em 10 mai. 2022

Após a leitura silenciosa e individual do texto, ocorreu a leitura em voz alta e coletiva, com discussão parágrafo por parágrafo. Ao final da leitura fez-se as seguintes perguntas: Qual a temática do texto? Por que o “deboísmo” é considerado uma filosofia? Que outras palavras do texto são consideradas neologismo? Explicar a relação das aspas com as palavras no texto em destaque. Mostrar a relação do uso de travessões com as falas de personalidades e autoridades no texto.

✓ Sinônimia (2 aulas de 40 minutos cada)

Objetivo: Possibilitar aos alunos que ampliar o vocabulário por meio de busca em dicionários de palavras sinônimas e em leituras de textos variados.

Atividade prévia: Foi solicitado aos alunos que construíssem, em grupo, um jogo da memória com o as palavras do texto “Conheça o ‘deboísmo’, a nova filosofia ‘de boas’

da internet” lido na aula anterior. Essa construção deu-se com o auxílio do dicionário, para que se encontrassem sinônimos das palavras selecionadas e com figuras que dialogassem com os signos. Os jogos foram trocados entre as equipes para que cada equipe jogasse com jogo elaborado por outra equipe.

Assim, cada discente percebeu que cada sujeito tem um vocabulário próprio e seleciona de forma intencional as palavras que melhor se encaixam no seu discurso. As imagens para o jogo foram solicitadas com antecedência, visto que ele já havia tido contado com texto o que permitiu selecionar, previamente, as palavras que lhe chamaram a atenção.

Considerações finais

Ao se deparar com um caso neologismo na sala de aula, em 2022, após o período de distanciamento social que impossibilitou as aulas presenciais por dois anos, foi possível desenvolver uma proposta de trabalho por meio do método da pesquisa-ação (THIOLENTTE, 2009), considerando adequado à pesquisa e o trabalho, visto que se trabalhou com populações do campo em respectivos contextos de uso da língua.

A resposta para pergunta da pesquisa “como trabalhar o neologismo na sala de aula a partir do contexto sociocultural do aluno?”, sugere-se que primeiro o professor identifique os fenômenos e as peculiaridades linguísticas do contexto da comunidade escolar para que a partir daí se elabore atividades em que tais lexias dialoguem com outras, promovendo um diálogo entre os conhecimentos locais e regionais, com os nacionais.

Quanto aos objetivos: geral – trabalhar a língua por meio da perspectiva sócio-histórica de Bakhtin, explorando o uso de um neologismo identificado no retorno às aulas presenciais em uma escola do campo no interior do Pará no primeiro semestre de 2022, podemos afirmar que foi atingido, uma vez que os alunos puderam refletir sobre um caso de neologismos usados por eles mesmo, o uso do “gua”, uma variação do “égua!”, usado, frequentemente, na capital paraense.

Os objetivos específicos: entender como surgem os neologismos na língua; abordar as classificações neológicas; apontar atividades sistematizadas para trabalho o neologismo, principalmente os usados na pandemia global (a partir de mar. 2020) no

contexto comunitário e escolar. foram alcançados nas aulas sistematizadas, trabalhadas com atividades prévias e com textos multimodais como consta na seção deste trabalho-procedimentos metodológicos.

Assim sendo, os neologismos surgem em contextos urbanos e rurais de forma bastante dinâmica, cabendo ao professor de Letras, trabalhar os fenômenos de linguagem a partir da realidade do aluno, não ignorando a variação linguística que eles utilizam no dia a dia. A riqueza da língua está na diversidade linguística cultural, que traduz na riqueza das práticas sociais. Empodera-se sujeitos, valorizando sua cultura, pensando, na materialidade linguística do usuário.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. **Neologismo** – criação lexical. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- Guimarães, S.R. K., Paula, F. V., Mota, M. E. P., & Barbosa, V. R. (2014). **Consciência morfológica**: Que papel exerce no desempenho ortográfico e na compreensão de leitura? *Psicologia USP (Impresso)*, 25, 201-212
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2. ed. São Paulo Martins Fontes, 1997 (Coleção Ensino superior).
- BIDERMAN, M. T. C. A expansão do léxico. Neologismos. In: BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Linguística: (teoria lexical e Linguística computacional)*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a. p. 203-213. (Coleção Leitura Crítica).
- CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de língua e gramática**. (27ª ed.) Petrópolis, RJ, 2009 Vozes, 333p.
- CARVALHO, N. **O que é neologismo**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987
- CAMELO, Marco Antônio. *'Dicionário paraense' viraliza nas redes sociais com expressões bem-humoradas*. **Jornal O Liberal**. Belém/PA, 16/11/2019. Disponível em: <https://www.o-liberal.com/belem/dicionario-paraense-viraliza-nas-redes-sociais-com-expressoes-bem-humor-adas-1.213039>. Acesso em 5 de outubro de 2020.
- CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. de B. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola, 2012.
- FERREIRA, Marília. Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos parkatêjê. *DELTA* [online]. 2005, vol.21, n.1, pp.1-21. ISSN 1678-460X. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000100001>. Acesso em 20 jul. 2022.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016, p. 338.

FONSECA, Thais. “Pablo Vittar curte descanso em Noronha e esbanja sensualidade em fotos ousadas: ‘Noronha-se’”, site *Bolavip*, 13/07/2022. Disponível em: [Pablo Vittar curte descanso em Noronha e esbanja sensualidade em fotos ousadas: “Noronha-se” \(bolavip.com\)](https://bolavip.com.br/pablo-vittar-curte-descanso-em-noronha-e-esbanja-sensualidade-em-fotos-ousadas-noronha-se/). Acesso em 23 jul. 2022

FOUCAULT, M. *Michel Foucault: Estratégia, Poder-Saber*, 2º edição, Rio de Janeiro, Founense Universitária, 2006

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** - saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra. Coleção Leitura, 6. ed. São Paulo: 1996, 54p. Disponível em: [4- Freire P. Pedagogia da autonomia.pdf](#). Acesso em 25 jul. 2022

MATSUURA, Sérgio, Conheça o ‘deboísmo’, a nova filosofia ‘de boas’ da internet (texto adaptado), *Newsletters*, 03/09/2015, Disponível em: [Conheça o ‘deboísmo’, a nova filosofia ‘de boas’ da internet - Jornal O Globo](#). Acesso em 10 mai. 2022

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MURÇA, Giovana. 8 neologismos da atualidade para conhecer. publicado em: 19/03/2020. Site QueroBolsa. Disponível em: [8 neologismos da atualidade para conhecer | Revista Quero \(querobolsa.com.br\)](#). Acesso em 23 jul. 2022

OLIVEIRA SILVA, Maiune de; CASTORINO Pauler; XAVIER, Vanessa Regina Duarte. **Inovação lexical na rede social**: as criações neológicas para nomes de festas universitárias no Facebook. *Revista Moara*, n. 58, jan-jul, 2021, ISSN: 0104-0944. Disponível em: [7503 \(ufpa.br\)](#). Acesso em: 22 jul. 2022.

PETRIN, Natália. Neologismo. **Todo Estudo**. Disponível em: [Neologismo: tipos e lista de exemplos \[resumo completo\] \(todoestudo.com.br\)](#). Acesso em: 25 jul. de 2022.

RENDEIRO, Cláudio Henrique Lopes (Epaminondas Gustavo). **Sátiras de um ribeirinho**. Belém: Imprensa Oficial, 2018, 160p.

ROJO; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANDMANN, A. J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto. 1992.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et labor: Ícone, 1988.

TAVARES, Joemir.: “Guerra entre 'cloroquiners' e 'quarenteners' reinventa polarização na pandemia”. *Folha*, 15/04/2020, Disponível em: [Guerra entre 'cloroquiners' e 'quarenteners' reinventa polarização na pandemia - 15/04/2020 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 23 jul. 2022.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009

TRIPP, D. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 443-466. São Paulo, 2005